

CONSTRUIR, MORAR, PENSAR: UMA RELEITURA DE 'CONTRUIR, HABITAR, PENSAR' (BAUEN, WOHNEN, DENKEN) DE MARTIN HEIDEGGER¹

Fernando Fuão²

Resumo

Esse estudo é um convite à uma leitura desviante do clássico, Construir, habitar, pensar, de Martin Heidegger. Aqui de entrada optamos por traduzir por Construir, morar pensar. Heidegger parte exatamente desta questão da linguagem para pensar o morar, ou seja: ele pensa o habitar desde a questão da linguagem, a linguagem como o lugar do poético que guarda a essência desse morar. Para a ele a linguagem funda o ser, somos o que somos pela linguagem, pensamos o que pensamos através da linguagem, ela determina nosso pensar. Mas também para Heidegger, esse 'morar' funda o ser, somos o que somos graças à morada, a moradia, pensamos o que pensamos também através da casa, do lugar, ela também determina nosso pensar. As palavras moldam e direcionam nosso pensar, a casa domestica e conforma também nosso pensar. Essa reescrita do texto enfatizará a dimensão do lugar e da casa como determinantes do pensar e do construir o mundo. O lugar e a morada nos sussurram, nos colocam ideias e pensares que são determinados exatamente por eles, o lugar e a casa nos falam quando estamos plenamente 'situados' nele. A fala do mundo. Assim, por essa via de pensamento podemos chegar ao pensamento de que o lugar, a casa nos constrói; não somente construímos, mas eles nos constroem, numa simultaneidade paradoxal de espaço tempo. Na medida, do 'com', em que construímos também somos construídos.

Abstract

*This study is a deviant reading of Martin Heidegger's *Bauen, Wohnen, Denken*. The Portuguese translation of *Wohnen*, "habitar", habitat, is changed by "morar", dwelling, in order to keep Heidegger's thought of language. For him, dwelling as the place guards poetically the essence of living. This rewriting of the text will emphasize the size of the place and home as determinants of thinking and being in the world. Thus, in this way of thinking we can get the thought of the place; not only we build them, but we are built by places in a paradoxical simultaneity of space time.*

¹ [Bauen, Wohnen, Denken] (1951) conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Essa foi a tradução adotada para essa re-leitura.

² Professor Titular da Faculdade de Arquitetura. (UFRGS) Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1992) com a tese 'Arquitectura como Collage', Pós-Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia-UERJ sob a supervisão da Filosofia Dra. Dirce Solis (2011-12).



FIGURA 1. Vista desde o interior da Cabana de Heidegger.

Esse estudo é um convite à uma leitura desviante do clássico, *Construir, habitar, pensar*, de Heidegger; que aqui de entrada optamos por traduzir por *Construir, morar, pensar*. Heidegger parte exatamente desta questão da linguagem para pensar o morar, ou seja: ele pensa o habitar desde a questão da linguagem, a linguagem como o lugar do poético que guarda a essência desse morar. Para a ele a linguagem funda o ser, somos o que somos pela linguagem, pensamos o que pensamos através da linguagem, ela determina nosso pensar. Mas também para Heidegger, esse ‘morar’ funda o ser, somos o que somos graças à morada, a moradia, pensamos o que pensamos também através da casa, do lugar, ela também determina nosso pensar. As palavras moldam e direcionam nosso pensar, a casa doméstica e conforma também nosso pensar. Essa reescrita do texto enfatizará a dimensão do lugar e da casa como determinantes do pensar e do construir o mundo. O lugar e a morada nos sussurram, nos colocam ideias e pensares que são determinados exatamente por eles, o lugar e casa nos falam quando estamos plenamente ‘situados’ nele. A fala do mundo. Assim, por essa via de pensamento podemos chegar ao pensamento de que o lugar, a casa nos constroem; não são somente construímos, mas eles nos constroem, numa simultaneidade paradoxal de espaço tempo. Na medida, do ‘com’, em que construímos também somos construídos.

O verbo *wohnen* na maioria das traduções para o português e espanhol foi traduzido como ‘habitar’³, aqui oportunamente traduzimos o *Wohnen* por outros sinônimos como: morar, viver, residir, sem nos fixar numa só precisamente. Adotei na maioria das vezes a tradução ‘morar’ e ou “viver”; dentre esses vários sentidos, a meu juízo: os que melhor

³ Praticamente em todas as traduções que li e artigos sobre o texto em questão, não há um questionamento ou liberdade de escolher outros significados.

comportam, suportam o sentido poético do que seja *wohnen* para Heidegger. Assim ao longo do texto, nas passagens de Heidegger, respeitando a tradução adotada optei por colocar entre parênteses (habitar) vizinho ao ‘morar’ e ou ‘viver’; fora das citações, em minhas reflexões preferi utilizar frequentemente a palavra ‘morar’ ou outra adequada para potencializar aquilo entranhado na compreensão desses três termos ao longo do texto constantemente evocado por Heidegger, ou seja: o ‘po-etizar’ a língua, para assim ela revelar a verdadeira direção do morar. Penso também que talvez o verbo *bauen*, em alguns momentos, sua melhor tradução não deveria ser ‘construir’, mas sim edificar, ‘obrar’ e até amar, entretanto a palavra obrar não tem uma sonoridade muitas vezes apropriada a questão poética desse texto, e assim deixamos por construir, salvo uma ou outra exceção. Talvez o texto deveria ser também escavado sobre a ótica da tradução do ‘construir’.

Creio que o caráter desconstrutor do texto de Heidegger resida exatamente em sugerir que os lugares nos falam, são algo vivo, o mundo nos fala; não são incipientes, inócuos, inanimados, não são uma superfície em que inserimos uma construção, mas sim algo vivo que se comunica conosco. Cada lugar nos diz, nos constrói um tipo e pensamento distinto. É justamente isso que Heidegger vai nos dizer de uma forma implícita que o pensar do campo, no campo é distinto do pensar na cidade, da cidade. No campo, as estrelas na escuridão da noite iluminam nosso sentido de pertencimento e orientação na imensidão do firmamento, nos situam, nos centram revelando nossa dimensão e o sentido de habitar no mundo; na cidade: o contrário, a claridade das luzes artificiais nos ofuscam o olhar ascendente fazendo-nos esquecer nossa posição no mundo, em outras palavras nos ‘desterrando’.⁴

Construir, morar, pensar é também um pensamento da natureza escrito pela mão de Heidegger.

Quanto a escolha da palavra morar ou viver; explico-me: raramente, na língua português no Brasil, falamos: ‘onde você habita? eu habito na rua tal, eu habito com meus pais, habito com minha avó, habito sozinho; mas sim, sempre nos referimos como: onde você mora? Eu moro na rua x, vivo em Porto alegre, moro, vivo com meus pais, moro sozinho. Na maioria das vezes, o verbo morar é muito expressivo, pois vem associado a outras pessoas, um certo enraizamento nelas que esquecemos, evidenciando que o morar, o habitar é sempre

⁴ Nesse sentido veja-se o artigo *LUZES NA CIDADE, notas sobre o ensaio "O que são essas luzes" de Rodrigo Lages e Silva*. Em, <http://fernandofuao.blogspot.com.br/2013/02/luzes-na-cidade-notas-sobre-o-ensaio.html>

uma coabitação, uma comorada, ‘na morada’ outra; ou mais intensamente: um viver no outro, morar sobre o mesmo teto do outro, sobre o mesmo *domus*, dentro e entre os outros.

Vivemos em Esferas, Espumas⁵, sempre estamos num lugar específico, marcado, assinalado, envoltos e envolvido pelos outros, sempre dentro de algo ou alguém. A palavra habitar parece, às vezes, esvaziada da vida, do viver e do morar, sempre se utiliza ela num sentido mais científico, afastando-se justamente daquilo que ela quer representar; dela derivam o habituado, o hábito e o acostumado. O que se propõe aqui, através da substituição da palavra habitar por morar ou viver, é justamente o deslocamento do sentido para revelar o sentido desmedido contido nesse texto do Heidegger, enfim na busca do *arché* sentido do morar.⁶

Em *Construir, morar e pensar, (Bauen, Wohnen, Denken)* Heidegger irá buscar um fio comum entre essas palavras, interrogando-as em seus limites, lançando a questão do habitar para além do senso comum da arquitetura, e não será à toa que ele antecipará muitos anos antes, já em 1951, a situação do homem na atualidade, ser na terra, e também o discurso da sustentabilidade e da ecologia.



FIGURA 2. Vista externa da Cabana

⁵ Refiro-me a obra de Peter Sloterdijk, Esferas 1, 2 e 3.

⁶ Acredito que o uso da palavra ‘habitar’ tenha sido utilizado por uma questão temporal, típica dos anos 60-70, quando a dimensão do habitar foi proposta como existência do homem sobre a terra, e de suas relações com o Habitat mesmo, palavra muito em voga nesse período que designava a relação do homem com a terra, visto que o texto de Heidegger trabalha exatamente essa dimensão cósmica- telúrica do homem sobre a terra é muito provável que ciente ou inconscientemente, tenham os tradutores, inclusive o próprio Heidegger para referir-se a essa dimensão. Em arquitetura é extensa a produção onde se apresenta a palavra ‘habitat’, tanto em escritos como em edifícios; exemplificarei com um edifício emblemático desse período, o edifício construído para a Exposição Universal de 1967, Habitat 67, Montreal, de Moshe Safdie.

Em 1922, Martin Heidegger (1889-1976) se muda com sua família para uma pequena cabana nas montanhas da Selva Negra, sul da Alemanha; uma cabana de aproximadamente 42 metros quadrados, de 6x7 metros. Ali, Heidegger trabalhou muitos de seus escritos famosos, desde sua obra emblemática: 'Ser e Tempo' até seus últimos textos. A obra filosófica de Heidegger está intimamente atada a esta pequena casa, a sua 'interioridade' e a natureza desse lugar, com a natura; como nos mostrou Adam Sharr (2006) em *La cabaña de Heidegger*.

Para Heidegger *Todtnauberg*, a região da Alemanha na Floresta Negra, era mais que um lugar físico; em 1934 falava que sua obra deveria ser entendida como parte das montanhas de tão entranhado que estava seu pensamento com o lugar e a cabana. Heidegger evidenciou esse fato em três de seus escritos, *Construir, morar e pensar; O céu e a terra de Holderlin; Poeticamente habita o homem*⁷; insistindo que existe uma correlação direta entre o lugar e o pensar entre o pensamento da natureza e o pensamento do homem; entre a casa e o ser, ambos se veem atravessado pela questão do tempo. Construir, morar, pensar não pode entendido em suas entranhas sem a presença da cabana e de *Todtnauberg*.

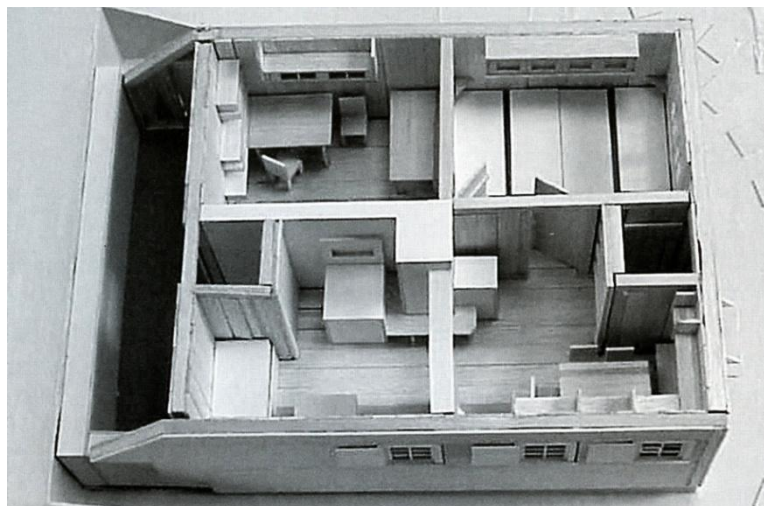


FIGURA 3 Planta, cortes, maquete da cabana

Através desses escritos a obra de Heidegger passou a ser importante para muitos arquitetos e críticos de arquitetura nas últimas décadas do século XX, principalmente nos anos 60-70. O debate arquitetônico derivou de aspectos particulares desses escritos de Heidegger

⁷ Além desses três ensaios incluiria também: *O caminho do campo; A coisa*.

que estavam profundamente influenciados pela vida nas montanhas, expressando o espaço existencial, fenomenológico, e opondo-se ao espaço medido matematicamente (centímetros x centímetros), Heidegger apontava a um sentido de lugar e de interioridade determinado também pelas memórias, pelos questionamentos existenciais do ser, que o levavam a essência desse ser ‘aqui e agora’ (*Dasein*), também de uma indissociabilidade dos pés no chão. Enfim uma integração mútua entre corpo, mente e lugar, que teve repercussão em autores nos anos 70-80 como: Norbert-Schulz, Charles Moore, Josep Muntanõla, entre outros.

A cabana era uma permanente companheira no diálogo consigo mesmo, era a escuta de Heidegger (*filopolemologia*)⁸, uma porta, o amigo oculto; nela Heidegger parecia encontrar-se ‘mais em casa’, segundo ele, ‘ela o ajudava a pensar’. De entrada, Heidegger nos explica, em seu ensaio, que:

Esse pensar o construir não pretende encontrar teorias relativas à construção e nem prescrever regras à construção. Este pensamento não apresenta, de modo algum, o construir a partir da arquitetura e das técnicas de construção. Investiga, bem ao contrário, o construir para reconduzi-lo ao âmbito a que pertence aquilo que é.

Devemos pensar que Heidegger escreve esse texto em 1951, pós-segunda guerra mundial, descrente da tecnologia; lembrando que para ele a tecnologia moderna nos faz esquecer a dimensão do ser, como bem comentou em outro texto muito próximo à arquitetura: *Que é uma coisa?*⁹

Pensar a morada com Heidegger é pensar também a morada do pensar; em ‘*construir, morar e pensar*’ articular essas três palavras graças à familiaridade delas na língua alemã. Pensar a morada e o pensamento na cabana.

Heidegger estruturou *Construir, morar e pensar* através de duas questões, para ele fundamentais, que desenvolvera ao longo do texto incessantemente:

Primeiro, o que é morar?

Segundo, em que medida pertence o morar a um construir?

⁸ Refiro-me ao artigo *O ouvido de Heidegger* de Jacques Derrida em Derrida, j. *Políticas da Amizade*. Porto: Campo das Letras, 2003.

⁹ Heidegger, Martin. *Que é uma coisa?* Carlos Morujão (trad.). Lisboa: Edições 70, 1992.

O QUE É O MORAR

Explica Heidegger:

Parece que só é possível morar (habitar) o que se constrói. E, o construir tem o morar como meta. Mas nem todas as construções são moradas, moradias (habitações). Uma ponte, um hangar, um estádio, uma usina elétrica são construções e não moradias (habitações); a estação ferroviária, a auto-estrada, a represa, o mercado são construções e não moradias (habitações). Essas várias construções estão, porém, no âmbito de nosso viver (habitar), um âmbito que ultrapassa essas construções sem limitar-se a uma habitação.

Na auto-estrada, o motorista de caminhão está em casa (pode se sentir em casa), embora ali não seja (efetivamente) a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua morada. Na usina elétrica, o engenheiro está em casa, mesmo não sendo ali a sua morada (habitação).

Essas construções oferecem ao homem um abrigo. Nelas, o homem de certo modo vive, mas não mora, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma casa (residência).

Segue:

Considerando-se a atual crise habitacional, possuir uma habitação é, sem dúvida, tranquilizador e satisfatório; prédios habitacionais oferecem morada (residência).

As habitações (modernas) são hoje bem divididas, fáceis de se administrar, economicamente acessíveis, bem arejadas, iluminadas e ensolaradas.

A partir desse ponto, Heidegger começa aprofundar seu questionamento:

Mas será que essas habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um morar (habitar)?

As construções que não são moradias ainda continuam a se determinar pelo habitar uma vez que servem para o habitar do homem.

Morar (habitar) seria, em todo caso, o fim que se impõe a todo construir.

Habitar e construir encontram-se, assim, numa relação de meios e fins. Pensando desse modo, porém, tomamos habitar e construir por duas atividades separadas, o que não deixa de ser uma representação correta.

As relações essenciais não se deixam, contudo, representar adequadamente através do esquema meio-fim.

Ou seja:

Construir não é um meio para se conseguir morar. Construir não é em sentido próprio apenas meio, um pré-requisito, ou uma intermediação para estar dentro de casa, ter um teto; ainda que isso seja uma questão óbvia, não é tão óbvia assim. Não é só construindo que eu moro, ou vivo de fato, ainda que o construir seja inseparável desse morar, e vice-versa. Nesse ponto, exatamente, Heidegger coloca que morar não é simplesmente morar, habitar não é só habitar. Para ele: “Construir já é em si mesmo morar, viver (habitar).”

Entretanto, complementando a Heidegger, esse construir é de antemão a possibilidade do homem construir por si próprio ou em comum a sua casa. Mas o que acontece quando essa possibilidade do homem construir sua casa por suas próprias mãos, por seu trabalho se vê amputada já desde seu nascimento pelas forças do capital, acumulação de riquezas, e pela inacessibilidade à matéria-prima; principalmente o homem que mora nas cidades suprimindo lhe o seu direito natural de construir, morar?

Devemos ser muito cautelosos e pensar realmente quem nos pode oferecer de fato uma medida para dimensionarmos o vigor essencial do que seja habitar e construir? Quem já tem morada, ou quem a perdeu? Ou nunca teve? Ou os órgãos de financiamento da casa própria? Penso que devemos pensar o direito a morada não só através da linguagem, mas também da experiência de uma ausência, de uma impossibilidade ao acesso a morada; ao *domus* também como processo e domesticação da vida moderna.

Retomando, Heidegger quer nos mostrar que: “o acesso à essência de uma coisa nos advém da linguagem. Isso só acontece, porém, quando prestamos atenção ao vigor próprio da linguagem”, das próprias palavras.

Construir, em alemão é *bauen*, e para Heidegger esse *bauen* tem seu sentido e significação no cultivo, no cultivar, no cuidar, no proteger; portanto ele se constitui como uma ‘ura’, uma cultura, um cultivo; ou seja: para Heidegger a construção é um cultivo, uma cultura. Embora Heidegger não expresse isso, mas é exatamente enquanto cultura, constituição de cultura que o construir, que esse *bauen* estará também nas origens da domesticação, assim como a própria linguagem. O morar é uma das marcas mais visíveis da cultura, para John Zerzan essa cultura é exatamente o que propicia o processo e início da

domesticação, a domesticação é essencialmente cultura, processo de aculturação, donde podemos dizer também que morar é cultivar.¹⁰

Mas não há um modo único de morar, viver nesse mundo, cada cultura mantém uma relação direta com a natureza e com o mundo através de seu modo de morar, viver. E esse modo é o que nos define hoje como domesticados, civilizados. Uma vez submetidos à tirania das regras do morar, da tirania da linguagem e das técnicas construtivas; somado ainda a domesticação da visão, e a domesticação tecnológica, resta-nos muito pouco para sair dessa condição. Para Heidegger essa tecnologia é um modo de ver enquadrando’, uma natureza enquadrada como uma panorâmica de uma paisagem ou uma fotografia. A tecnologia é a grande máquina do enquadramento, do desespero, do desamparo e da desesperança. Heidegger, já descrente da tecnologia, de alguma maneira já havia percebido esse processo de doma exercido pela linguagem com relação ao habitar e com a arquitetura, e também desse processo errático de afastamento de uma busca do sentido do que seja hoje habitar, morar não só pela tecnologia, mas também pelo hábito da linguagem.

“Enquanto essa atenção não se dá, desenfreiam-se palavras, escritos, programas, numa avalanche sem fim. O homem se comporta como se ele fosse criador e senhor da linguagem, ao passo que ela permanece sendo a senhora do homem”. Se comporta como se o construir resolvesse todo o problema da morada. Heidegger quer que prestemos atenção ao sentido das palavras, os sentidos perdidos pela prática da linguagem cotidiana mesmo, prestar atenção a fala, aos sentidos esmaecidos pelo hábito e conceitos já estabelecidos, Heidegger chama nossa atenção à essa escuta das palavras, escavando-as até que ressoe em seu sentido original. O hábito radica no habitar e o habitar por sua vez radica num certo hábito.

O que é então construir para Heidegger? “A palavra do antigo alto-alemão usada para dizer construir, era ‘buan’, que significa também morar habitar. Mas se refere também ainda a um permanecer, morar”. Ou seja, na língua alemã as palavras habitar (morar) e construir são praticamente a mesma coisa, morar (*wohnen*) é construir, e construir (*bauen*) é também morar. Diz Heidegger: “O significado próprio do verbo ‘bauen’ (construir), a saber, habitar (morar), perdeu-se com o tempo”. Mas como ele explica “um vestígio encontra-se resguardado ainda na palavra ‘Nachbar’, vizinho. O Nachbar (o vizinho) é o ‘Nachgebur’, o

¹⁰ Ver nesse sentido todos os trabalhos sobre a domesticação de John Zerzan, Ivan Illich e Peter Sloterdijk.

‘Nachgebauer’, aquele que habita a proximidade. Os verbos ‘buri’, ‘büren’, ‘beuren’, ‘beuron’ significam todos eles o morar (habitar)”, as estâncias e circunstâncias do morar.

“Sem dúvida, a antiga palavra ‘buan’ não diz apenas que construir é propriamente habitar (morar), mas também nos acena como devemos pensar o habitar (a morada) que aí se nomeia”.

“Quando se fala em habitar (morar), representa-se costumeiramente um **comportamento que o homem cumpre e realiza em meio a vários outros modos de comportamento.** (Grifo meu).”



FIGURA 4. Heidegger no interior da Cabana

Exatamente, nesse ponto que Heidegger nos faz perceber que, quando se fala em habitar, morar se diz também um ‘certo modo de viver’, de uma certa domesticação, lembrando sempre o papel que a palavra *domus*, *oikos*, casa exerce nesse processo. Nessa busca dos sentidos das palavras, Heidegger encontra uma relação importantíssima:

Quando a palavra ‘bauen’, construir, ainda fala de maneira originária diz, ao mesmo tempo, a amplitude que alcança o vigor essencial do habitar. ‘Bauen’, ‘buan’, ‘bhu’, ‘beo’ é, na verdade, a mesma palavra alemã *bin*, EU SOU nas conjugações ‘ich bin’, ‘du bist’, eu sou, tu és. O que diz então: eu sou? A antiga palavra ‘bauen’ (construir) a que pertence ‘bin’, ‘sou’, responde: ‘ich bin’, ‘du bist’ (eu sou, tu és) significa: eu moro (habito), tu moras (habitas). A maneira, o modo como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o ‘Buan’, o morar (habitar).

Entretanto, “o eu sou como moro, moro como sou” nem sempre tem uma correlação direta. Esse morar não diz respeito para Heidegger como um correlato direto com a casa a morada, mas sim de um sentido mais amplo, o de viver no mundo. Por exemplo, o morar num palacete não tem correlato com a pessoa que vive ali diretamente como análogo ao valor,

assim como quem mora numa maloca não pode ter seu depreciativo na maloca. Entretanto elas são reveladoras do processo de opressão que um exerce sobre o outro, do poder na linguagem sobre a coisa e vice-versa. Heidegger não pensa a particularidade das casas, para ele esse morar deve antes de qualquer coisa ser colocado num plano ascendente de entendimento do que seja viver, morar, habitar na terra, dessa compreensão topológica, um universal. Para Heidegger, antes de nada, “Ser homem é ser como um mortal sobre essa terra. Diz: morar (habitar)”. Morar é perceber-se enquanto ser de sua mortalidade sobre a terra.

A antiga palavra ‘bauen’ (construir) diz que o homem ‘é’ à medida que mora. (Poeticamente o homem habita, **inclusão minha**). Mas a palavra ‘bauen’ (construir), também significa ao mesmo tempo: proteger e cultivar, a saber, cultivar o campo, cultivar a vinha.

O construir para Heidegger é uma ‘ura’ assim como agricultura, ou seja: ela é um cultivo, uma sementeira, uma criação que requer cuidado, proteção e trato, de outro modo poderíamos dizer de uma certa ‘manutenção’, cativo e cativo. Esse construir enquanto ‘ura’, cultivo, criação, se vê atravessada pela ideia da domesticação, mas essa domesticação não pressupõe a violência de retirar as coisas de seu lugar natural submetendo-as a doma, em Heidegger podemos vê-la como uma domesticação branda, de um trato, de uma guarda e de uma proteção do senhor da morada. Construir significa cuidar da coisa em si, a casa, o *domus* e tudo que permanece nas suas cercanias. Diz Heidegger: “Construir significa cuidar do crescimento que, por si mesmo, dá tempo aos seus frutos. No sentido de proteger e cultivar, construir não é o mesmo que produzir.”

Mas ambos os modos de construir: construir como cultivar, em latim ‘colere’, cultura, e construir como edificar construções, aedificare - estão contidos no sentido próprio de ‘bauen’, isto é, no morar (habitar). No sentido ‘de morar-se’ (grifo meu) (habitar), ou seja, no sentido de ser e estar sobre a terra, construir permanece para a experiência cotidiana do homem, aquilo que desde sempre é, como a linguagem diz de forma tão bela, ‘habitual’.¹¹

Cabe lembrar que para Heidegger ‘ser’ e ‘estar’ são a mesma coisa, o ser, o ente ‘é’, e o ‘é’ é porque ele(a) ‘está’ no mundo. Ser e estar são inseparáveis, mas infelizmente na língua portuguesa eles acabaram por nascer separados. O verbo ser (*to be*) em inglês e em alemão; serve tanto para expressar o ‘ser’ como o verbo ‘estar’, e o ‘ser’ é descrito como *being*, o

¹¹ A tradução do paragrafo se apresenta aparentemente sem sentido.

sendo', o estando, o inacabado; construir é sempre um construindo, um cultivando, um eterno construir, manter.

Diz Heidegger:

Isso esclarece porque acontece um construir por detrás dos múltiplos modos de viver, morar (habitar), por detrás das atividades de cultivo e edificação. Essas atividades acabam apropriando-se com exclusividade do termo 'bauen' (construir) e com isso da própria coisa nele designada. O sentido próprio de construir, a saber, o morar (habitar), cai no esquecimento.(sic)¹²

Aqui se percebe a dimensão do que Heidegger entende por construir ao comparar também com um cultivo, uma plantação, e também de um aspecto efêmero e temporal. Construimos sempre temporalmente, de um modo permanente, a morada é efêmera, e é preciso conservá-la, guardá-la, cuidá-la para que perdure, é preciso uma manutenção, (*maintenance, maintenant*). Há também nesse sentido do cuidado uma amorosidade perdida, amar é cuidar, e construir também, veladamente, é também uma forma de amar e de se relacionar com o mundo. O amor é mais que uma categoria de espaço amoroso, talvez, ele seja o princípio mesmo, ainda não permitido, indizível que possa ligar todos os lugares, todas as coisas.

Em outras palavras Heidegger começa a falar implicitamente do carinho com a morada, do zelo pela morada, do zelador, o gesto, o cuidar, o mimo. Mas essa morada estará longe de ser simplesmente uma casa, uma cabana. Diz ele:

Parece que esse acontecimento, esse esquecimento, refere-se a uma transformação semântica ocorrida no mero âmbito das palavras. Na verdade, porém, aí se abriga algo muito decisivo: o fato de não mais se fazer a experiência de que o morar (habitar) constitui o ser do homem, e de que não mais se pensa, em sentido pleno, que morar (habitar) é o traço fundamental do ser-homem.

Em outras palavras, nesse morar está também a própria essência e existência do ser humano. Assim também seu correspondente: o esquecer-se do porquê se existe, o esquecer do porquê se mora e demora (habita) e se constrói acabam fazendo parte da própria errância do homem sobre a terra. O 'desterramento'. Em *Ser e tempo*, Heidegger nos mostra que o ser é o próprio tempo; e também como 'o ser é o que é' - pela linguagem-, a linguagem faz o homem;

¹² Aqui se percebe a dimensão do que Heidegger entende por construir ao comparar também com um cultivo, uma plantação, e também de um aspecto efêmero e temporal. Construimos sempre temporalmente, de um modo impermanente.

para ele a linguagem também contém o próprio tempo. Devemos pensar, com Zerzan, que a ideia do tempo surge conjuntamente com a linguagem. O próprio ‘ser-aí’ já carrega o seu tempo, não está no tempo, é o tempo.

Para Heidegger a linguagem constrói (*bauen*) o homem, o homem mora (*wohnen*) na linguagem, na clareira, ele funda a clareira ao permanecer no lugar. O tempo de alguma maneira é também uma clareira, a linguagem é clareira do homem para Heidegger, e o homem ‘é’ e se situa nessa clareira, sua morada está e se faz nessa clareira da linguagem. O ‘*Dasein*’ é o ser aí no mundo, o estar no mundo.



FIGURA 5. Heidegger na frente da cabana.

O ‘ser’ em Heidegger é um geral, um conceito, enquanto o ‘ente’ é o indivíduo ‘aqui e agora’, o ‘*Dasein*’, o singular. Seu correlato análogo seria o conceito de espaço e de lugar, o espaço é uma abstração tal qual o ser, e o lugar seria a individualização desse espaço, o lugar único. Para Heidegger o ser é o lugar também, o *Dasein* é inseparável de seu lugar, de seu *topos*. E esse *topos* fala, ele não é inócuo, não um espaço abstrato, mas um vivo e compartilhado com outros seres vivos; ele faz pensar (*denken*); dá o que o que pensar, dá o pensar, faz pensar um determinado pensar. Em Heidegger é o ‘ente’ com todos os seus dramas do dia a dia que interroga o ‘ser’, interroga sobre sua inevitabilidade ante a morte, assim como o lugar também interroga o ser. O ser no mundo, esse ‘estar aqui’ é o que angustia, e essa angustia para Heidegger está relacionada a um ‘não mais nos sentirmos em casa’.

Diz Heidegger ainda:

Que a linguagem logo retome o significado próprio da palavra ‘bauen’ (construir), testemunha, no entanto, o caráter originário desses significados. É que, nas palavras essenciais da linguagem, o que nelas se diz propriamente cai, com muita facilidade, no esquecimento, em favor do que se diz num primeiro plano. O homem ainda não chegou a pensar o mistério desse processo. A linguagem retrai para o homem o seu dizer simples e elevado. Mas isso não chega a emudecer o seu apelo inicial. O apelo apenas silencia. O homem não presta atenção a esse silêncio. Ouvindo, porém, o que a linguagem diz na palavra ‘bauen’ (construir), podemos perceber três coisas.

Resumindo, para Heidegger:

Bauen, construir é propriamente morar; mas esse morar wohnen, morar (habitar) é o modo como os mortais são e estão sobre a terra; e nesse sentido de morar, o construir desdobra-se em duas acepções: construir entendido como cultivo e ou crescimento (ura), e construir no sentido de edificar construções.

Heidegger:

Pensando com atenção esses três momentos, haveremos de encontrar um aceno se observarmos que todo construir é em si mesmo um morar, um viver, e mais: que esse construir é sempre um modo de ser e estar no mundo. Não vivemos (habitamos) porque construímos.

Não moramos porque simplesmente construímos nossas casas, não moramos também por que construímos nossas cidades. E essa tem sido a ilusão da civilização, a ilusão da casa, a ilusão da arquitetura e do urbanismo quando nos afastamos da natureza, dos quaternários que Heidegger explicará na sequência. Não observamos esse processo de esquecimento, porque nesse esquecimento é justamente onde se assenta a domesticação do homem sobre o próprio homem, ainda que haja flashes constantes ao longo de todos os dias ou em ocasiões de nossa condição de morar, viver e habitar. E também como explicou Heidegger esse esquecimento faz parte da errância.

Para Heidegger também, pensar já é um morar, pensar é também construir, e construir é morar, pensar. Trocando o ser pelo estar: o pensar está no morar, o pensar está também no construir, e o construir está no morar, no pensar. Mas, esse ‘eu construo o que penso’, é também o que eu falo; assim eu também ‘habito e me habituo no que penso’, no que moro; moro e habito a linguagem, habito nesse pensar. Habito, sou habituado, me habituo. ‘Habitar é também um modo de pensar’, morar é um modo de pensar e construir, decorre disso que: ‘eu penso o que penso’, porque também habito essa terra de um certo modo costumeiro, habitual, numa certa construção já construída, pensada, morada. Essa construção tem seu correlato na construção da linguagem. É habituando o pensar que construo, domestico o mundo.

O pensamento está sempre me construindo, me constituindo; e simultaneamente, meu modo de construir está sempre me pensando, “memorando”. O modo de construir as cidades e tudo mais acaba por me construir, me pensar. Essa tem sido também inversamente a aposta da desconstrução que ao desconstruir a linguagem, desconstrói o pensar e a morada, o modo de viver.

Diz Heidegger: “Não vivemos (habitamos) porque construímos. Ao contrário: construímos e chegamos a construir à medida que moramos (habitamos), ou seja, à medida que somos como aqueles que habitam.”



FIGURA 6. Heidegger recolhendo a água do poço.

Qual verdade do ser a casa encobre, qual verdade do ser a casa nos faz esquecer, o que o *domus* ao longo da história da civilização tem ocultado, guardado, acobertado? O que nossas casas modernas tão transparentes conseguem ainda esconder?

Como se pode desprender, em Heidegger o sentido de morar não está propriamente na casa. Habitar, morar está para além da questão material construtiva, casa, talvez na ideia do lar. Em Heidegger, talvez não se encontre o sentido da luta pela moradia tão arraigada e peculiar ao *Dasein*, uma retomada da necessidade da moradia como condição humana para sua existência; para ele nada disso, nenhuma luta adiantaria se ainda não tivermos entendido o verdadeiro sentido de morar. O interessante ensaio de Silke Kapp, *Por que teoria crítica da*

*arquitetura? Uma explicação e uma aporia*¹³, trata exatamente dessa questão, Silke confronta criativamente dois pensamentos distintos, duas posições distintas num diálogo fictício, entre Heidegger e Adorno, com passagens extraídas de "*Construir, Habitar, Pensar*", e do "*Funcionalismo, hoje*" e "*Minima Moralia*" de Adorno, dedicados à vida cotidiana nas condições da sociedade moderna em meados do século XX; vida essa, que ele já chamava de "danificada".

Heidegger supõe uma necessidade que teria pouca relação com o contexto social, mas pertenceria à essência humana em geral, à medida que todos vivemos "sobre a terra, sob o céu, diante do divino e entre os mortais. Trata-se de reencontrar essa essência original perdida. Deduziu-se disso uma postura de projeto: o arquiteto seguidor de Heidegger ajuda as pessoas no aprendizado do habitar, concentrando-se no essencial – seja o que for – e ignorando ou tentando neutralizar contradições concretas. A estratégia de projeto pode consistir na reprodução de elementos tradicionais, na composição de sólidos puros ou na cópia de aldeias remotas, não importa. De qualquer modo, constrói-se com o argumento de plantar arquiteturas verdadeiras em meio à vida deturpada. No texto de Heidegger, não há nenhum indício de que os mortais que "por sua parte" ao tentarem habitar existencialmente não possam consegui-lo, mesmo enquanto indivíduos isolados. Pelo contrário, a decisão individual parece mais importante do que todo o resto. Consequentemente, também não há indícios de que obras de arquitetura isoladas não possam se constituir autenticamente. Segundo Heidegger, o "desterro" (o esquecimento do ser) já estaria superado se fosse apenas "pensado". E esse pensamento não se volta à reflexão inquieta, investigadora, mas a uma meditação quase religiosa.

Adorno, pelo contrário, inclui na reflexão tudo o que nos aflige e ameaça, mas que a ideologia do "lar" suprime. Para ele, a moradia nas condições dadas não é mais do que um expediente de sobrevivência pessoal e social, ao qual não cabe atribuir significados transcendentais, caso se queira manter alguma consciência da realidade. Extrapolando esse raciocínio, podemos supor que a tentativa de habitar no sentido heideggeriano – que, diga-se de passagem, o próprio Adorno não comenta – seria perniciosa por obscurecer a percepção da situação real.¹⁴

¹³ In: Maria Lúcia Malard. (Org.). *Cinco Textos Sobre Arquitetura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, v. , p. 115-167.

¹⁴ Kapp, Silke; op cit. 115-116. Prossegue Silke, contrapondo Adorno a Heidegger: “Ela obscurece, por exemplo, o fato de a ideia do habitar existencial beneficiar outras forças que não o ser do homem sob o céu, sobre a terra e diante do divino, especialmente se tivermos em mente os exemplos citados por Heidegger (ponte arqueada, castelo, praça da igreja, aldeia, carroça, Floresta Negra, telhados agudos) e sua associação com a casa unifamiliar isolada e o turismo rural. O habitar existencial beneficia a exaltação da família burguesa tradicional, a redução da felicidade possível à esfera privada, a dependência da propriedade na forma da "casa própria", a repressão social da mulher como "dona de casa", a lucrativa e irracional expansão da infraestrutura aos subúrbios, a indústria do lazer programado. A indicação de que "trazer o habitar à plenitude de seu ser" seria uma tarefa individual sugere uma arquitetura feita para desejos íntimos e pessoais, sem interesses coletivos. No fim, as necessidades ditas profundas mascaram necessidades concretas que, assim, se tornam abstratas, como se não nos dissessem respeito; a necessidade concreta de viver em meio a uma coletividade não violenta, por exemplo, se transforma em idílio no interior da cerca elétrica. Por outro lado, a posição de Adorno na discussão de necessidades e funções arquitetônicas também deixa claro que nada se resolve pela simples abolição de todo e qualquer idílio. O intuito de uma arquitetura que apenas frustrasse sistematicamente os desejos subjetivos, por constatar seu caráter compensatório ou alienado, não seria melhor do que a arquitetura que promove tais desejos”. P.116.

Quiçá, podemos entender que o pensamento de Adorno e de Heidegger são pensamentos distintos sim: um é o pensamento da cidade, na cidade, o ‘pensamento da cidade pensante’ e o outro o pensar do campo, no campo, um pensamento de conexão com a natura. O que o texto de Heidegger quer demonstrar, justamente, é que o lugar determina o pensar e que talvez enquanto nós não nos reconectemos com os quaternários, com a natura continuaremos nos esquecendo do por que moramos e construímos, e isso no meu entendimento, não menospreza o pensamento da luta na cidade pela moradia, que é algo ‘super *Dasein*’, que Adorno toma certamente com primazia, algo que nunca podemos esquecer dessa *arché* necessidade. Sim, o pensamento de Heidegger é um pensamento desconectado, *unplugged* da cidade, e esse pensar dificilmente responderá ao pensamento da cidade, enquanto a cidade é o que é, está como está, como negação da natureza. Exatamente nessa diferença de lugar, de pensar, construir e morar, esteja a potência do texto camponês de Heidegger, do texto colono, sempre colonizador, fundamental, fundacional para os que vão estudar arquitetura.

Resumindo: ‘Cultivar’ e ‘edificar’ significam, em sentido estrito, construir. Morar (habitar) é construir desde que se preserve nas coisas a quadratura. Desse modo, encaminhamo-nos para a segunda pergunta:

EM QUE MEDIDA CONSTRUIR PERTENCE AO MORAR (HABITAR)?

Em que medida o construir pertence ao habitar? Para explicar essa relação toma como exemplo o símbolo da ponte, e não será nenhuma outra mera edificação, tomará a ponte como símbolo de comunicação e união de estados diferentes. Se utilizará da palavra *colli*, o mesmo *colli* de *coligere*, de *colere(ura)* contido também na origem da palavra *collage* e também na palavra ‘símbolo’, como veremos a seguir.

Diz Heidegger:

A resposta a essa pergunta nos esclarece o que é propriamente construir quando pensado a partir da essência do morar. Limitemo-nos ao sentido de construir como edificação de coisas, e perguntemos: o que é propriamente uma coisa construída? Tomaremos como exemplo para nossa reflexão uma ponte.

A partir desse ponto, Heidegger discorre largamente e de modo poético – não menos importante, e com uma tradução às vezes sem sentido - sobre a ponte, a qual apresento em nota de pé de página, apenas retomarei selecionando a última parte desse trecho:¹⁵

Sempre e de maneira a cada vez diferente, a ponte conduz os caminhos hesitantes e apressados dos homens de forma que eles cheguem em outras margens, de forma que cheguem ao outro lado, como mortais. Em seus arcos, ora altos, ora quase planos, a ponte se eleva sobre o rio e o desfiladeiro. (Sic)

Quer os mortais prestem atenção, quer se esqueçam, a ponte se eleva sobre o caminho para que eles, os mortais, sempre a caminho da última ponte, tentem ultrapassar o que lhes é habitual e desafortunado e assim acolherem a bem-aventurança do divino. (sic)

A seu modo, a ponte reúne integrando a terra e o céu, os divinos e os mortais junto a si. Reunião integradora é o que diz uma antiga palavra da língua alemã ‘thing’, coisa. Na verdade, como a reunião integradora da quadratura, a ponte é uma coisa. Supõe-se, certamente, que em sentido próprio a ponte é apenas ponte. Posterior e circunstancialmente, ela pode também exprimir outras coisas. Enquanto expressão, a ponte pode tornar-se, por exemplo, símbolo para tudo aquilo que mencionamos anteriormente. Se for autêntica, a ponte nunca é primeiro apenas ponte e depois um símbolo.

Para Heidegger: “A ponte tampouco é, de antemão, um símbolo, no sentido de exprimir algo que, em sentido rigoroso, a ela não pertence. Tomada em sentido rigoroso, a ponte nunca se mostra como expressão. A ponte é uma coisa e somente isso. Somente? Como essa coisa, ela reúne integrando a quadratura.”

A ponte é uma coisa, reúne, integra. A função da ponte assim como da cola na *collage*, é mesmo conectar: unir. Permitir a passagem de objetos, seres de um lugar para outro. Transitar. Transportar. Trans-portar. A ponte é uma espécie de pré-dicionário que

¹⁵ A ponte pende "com leveza e força" sobre o rio. A ponte não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria uma frente à outra. Pela ponte, um lado se separa do outro. As margens também não se estendem ao longo do rio como traçados indiferentes da terra firme. Com as margens, a ponte traz para o rio as dimensões do terreno retraída em cada margem. A ponte coloca numa vizinhança recíproca a margem e o terreno. A ponte reúne integrando a terra como paisagem em torno do rio. A ponte conduz desse modo o rio pelos campos. Repousando impassíveis no leito do rio, os pilares da ponte sustentam a arcada do vão que permite o escoar das águas. A ponte está preparada para a inclemência do céu e sua essência sempre cambiante, tanto para o fluir calmo e alegre das águas, como para as agitações do céu com suas tempestades rigorosas, para o derreter da neve em ondas torrenciais abatendo-se sobre o vão dos pilares. Mesmo lá onde a ponte recobre o rio, ela mantém a correnteza voltada para o céu pelo fato de recebe-lo na abertura do arco e assim novamente liberá-lo. A ponte permite ao rio o seu curso ao mesmo tempo em que preserva, para os mortais, um caminho para a sua trajetória e caminhada de terra em terra. A ponte da cidade conduz dos domínios do castelo para a praça da catedral. A ponte sobre o rio, surgindo da paisagem, dá passagem aos carros e aos meios de transporte para as aldeias dos arredores. (Sic)

possibilita passar de uma linguagem a outra, de uma cultura a outra, de um sentido a outro. Sua função, antes de tudo, é transportar, reduzir a distância. Atalhar. Abrir e dar passagem.

A ponte similarmente a cola na *collage* tem por finalidade conectar fragmentos de mundos, realidades distintas ou similares e, em geral, se configura como uma ‘solução’ ao problema do transporte sobre o abismo do recorte. É ela que permite a comunicação entre os povos, as línguas, e as culturas separadas pelas gargantas dos abismos geográficos. Ponte é qualquer elemento que estabelece a ligação, contato, comunicação ou trânsito entre pessoas e coisas. Entretanto, o aspecto utilitário das pontes, muitas vezes, dificulta sua consideração sob o ponto de vista simbólico. Sua funcionalidade oculta o profundo significado que a converte em símbolo. A ideia de ponte está intimamente ligada à ideia de quem a faz, constrói, levanta. Antigamente, quem construía pontes era o *pontifex*, palavra que não quer dizer outra coisa senão ‘construtor de pontes’. É claro que esse termo associa-se diretamente à figura dos Papas e todo sentido eclesiástico que carrega junto. Daí por que o verbo colar, também pode referir-se ao ato de colação, nomear para um benefício eclesiástico vitalício, colação de grau. Colar é consagrar, ‘consangrar’, dar por terminado uma etapa, uma tarefa. Finalizar.¹⁶

René Guenon em seu célebre livro *Símbolos Fundamentais da Ciência Sagrada*¹⁷ explica que a mesma palavra, que em sânscrito designa ponte (*setu*: significa ligação), pode referir-se ao vínculo que estabelece uma ponte sobre as margens de um rio. As margens representam simbolicamente os distintos estados dos seres. Uma ponte equivale exatamente ao pilar axial que une o céu e a terra, ao mesmo tempo em que os mantém separados, assim como as árvores, os totens.

Podemos ainda, levar o conceito de ponte, similarmente para outros elementos de ligação como escadas, elevadores, viadutos, arcos, arco-íris, passagens, pontes aéreas, pontes safenas, túneis, trampolins, trapézios, cabos e fios de comunicações, passarelas, antenas,

¹⁶] Em todo caso, a palavra Papa podemos também lhe atribuir o mesmo sentido que se dá a um mago, a um xamã. A pessoa que serve de vínculo, de comunicação entre o céu e a terra. Aquele que opera com determinados símbolos para tal. A palavra ‘cola’ carrega, em todos os seus derivados, um sentido de elemento que aglutina, reúne, o que foi disperso, esfacelado. Todo aquele que faz *collage* tem um pouco de pastor. Afinal, uma de suas funções é reunir, manter coeso o rebanho das figuras, das imagens. Essa ritualística também se expressa com grande dramaticidade em alguns rituais de cura através da ‘simpatia’ nas benzedeiros, enquanto ela costura, alinhava, um pedaço de pano qualquer ela pronuncia palavras e orações com objetivo da cura.

¹⁷ GUENON, René. *Símbolos Fundamentais da Ciência Sagrada*. Buenos Aires: Editora Universitária, 1969.

árvores, cordas, parafusos, grampos, clips, anel, cola, cocar, tudo o que junta e rejunta, conduz, tudo o que revela que o mundo sempre esta e esteve colando. Unido.¹⁸

Na concepção de Heidegger o homem é uma ponte entre o céu e a terra, entre o acima e o abaixo, ele está sempre no entre no ‘sendo’, no estando (*being*), nem de um lado nem de outro, sempre no meio, no ‘espaçamento’. Na ponte tudo se dá no 'entre', no entre espaço que comunica, ela por natureza é o espaço da indefinição, não pertence nem a um lado nem a outro, nem acima nem abaixo. Ela é intermediária, intermediação, quase uma terra de ninguém, uma terra de todos.

Com relação a ponte diz Heidegger, ainda:

“A ponte é, sem dúvida, uma coisa com características próprias. Ela reúne integrando a quadratura de tal modo que lhe propicia estância e circunstância. Mas somente isso que em si mesmo é um lugar, pode dar espaço a uma estância (estando) e circunstância (sendo). O lugar não está simplesmente dado antes da ponte. Sem dúvida, antes da ponte existir, existem ao longo do rio muitas posições que podem ser ocupadas por alguma coisa. Dentre essas muitas posições, uma pode se tornar um lugar e, isso, através da ponte. A ponte não se situa num lugar. É da própria ponte que surge um lugar. A ponte é uma coisa. A ponte reúne integrando a quadratura, mas reúne integrando no modo de propiciar à quadratura estância e circunstância. A partir dessa circunstância determinam-se os lugares e os caminhos pelos quais se arruma, se dá espaço a um espaço”.

“Coisas, que desse modo são lugares, são coisas que propiciam a cada vez espaços. Uma antiga acepção pode nos dizer o que designa essa palavra ‘espaço’. Espaço (‘raum’, ‘rum’) diz o lugar arrumado, liberado para um povoado, para um depósito. Espaço é algo espaçado, arrumado, liberado, num limite, em grego ‘πέρας’. O limite não é onde uma coisa termina, mas, como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa dá início à sua essência. Isso explica por que a palavra grega para dizer conceito é ‘ορισμός’, limite.”

Assim como a palavra ‘definir’ é análogo ao conceituar, e quer dizer: colocar um fim, um limite, *de finire*.

Para Heidegger,

espaço é, essencialmente, o fruto de uma arrumação, de um espaçamento, o que foi deixado em seu limite. O espaçado é o que, a cada vez, se propicia e, com isso, se articula, ou seja, o que se reúne de forma integradora através de um lugar, ou seja, através de uma coisa do tipo da ponte. Por isso os espaços recebem sua essência dos lugares e não ‘do espaço’.

¹⁸ Veja-se, Fuão, Fernando. A cola e o fio, em [Http://fernandofuao.blogspot.com](http://fernandofuao.blogspot.com)

“Denominamos provisoriamente de construções as coisas que, como lugares, propiciam estâncias e circunstâncias. Têm esse nome porque se produzem através de uma construção edificante. Só podemos, fazer a experiência de como deve ser essa produção, isto é, dessa construção, explica Heidegger “quando tivermos pensado **a essência de cada coisa que a construção, entendida como pro-duzir, exige para a sua consecução. (grifo meu)**. Essas coisas são lugares que propiciam à quadratura uma estância e circunstância, que por sua vez arrumam e dão a cada vez espaço.”

Essa essência será sempre a simplicidade do habitar, a simplicidade é a quadratura, o *simplex*. A palavra simples, simpli-cidade, vem do latim *simplex*, que vem das raízes indo-europeias ‘sem’ (uno, junto e ‘plex’ que significa dobra, o que resulta em ‘sem dobras’, descomplicado (‘plica’ em português quer dizer: dobra)

Não só a relação entre lugar e espaço como também o relacionamento entre o lugar e o homem que nele se demora residem na essência dessas coisas assumidas como lugares. Procuraremos agora esclarecer a essência dessas coisas que chamamos de coisas construídas concentrando nossa reflexão em duas perguntas:

Por um lado: como o lugar se relaciona com o espaço?

E por outro: qual a relação entre o homem e o espaço?

A ponte é um lugar. Como essa coisa, a ponte estância um espaço em que se admitem terra e céu, os divinos e os mortais?

O espaço estanciado pela ponte contém vários lugares, alguns mais próximos e outros mais distantes da ponte. Esses lugares podem, certamente, ser fixados como simples posições entre as quais subsiste um intervalo mensurável. Um intervalo, em grego um ‘στάδιον’, foi sempre espaçado mediante meras posições. O espaço arrumado pelas posições é um espaço bem específico. Enquanto intervalo, enquanto estádio é aquilo que se diz com a palavra latina “spatium”, ou seja, um espaço-entre. É assim que proximidade e distância podem se tornar simples distanciamentos entre homens e coisas, intervalos de um espaço-entre. Num espaço representado meramente como ‘spatium’, a ponte se mostra como uma coisa qualquer que ocupa uma posição, a qual pode ser a todo momento ocupada por qualquer outra coisa ou até mesmo substituída por uma mera demarcação. Mas isso só não basta. (sic)

Do espaço entendido como um espaço entre, extraem-se as relações de altura, largura, profundidade. Isso que assim se extrai, em latim o ‘abstractum’, costuma-se representar como a pura multiplicidade das três dimensões. Mas o que dá espaço a essa multiplicidade não se deixa determinar por intervalos. O que dá espaço não é mais nenhum spatium, e sim somente uma ‘extensio’ - extensão. Como ‘extensio’, o espaço ainda se deixa abstrair mais uma vez, a saber, em relações analíticas e algébricas. Estas dão espaço à possibilidade de uma construção puramente matemática de uma multiplicidade de quantas dimensões se queira. A isso que matematicamente se dá espaço pode-se chamar de “o” espaço. Só que, nesse sentido, “o” espaço não contém espaços e lugares. (sic)

No espaço (‘No’), jamais encontramos lugares, jamais encontramos coisas do tipo de uma ponte. Já nos espaços, espaçados, arrumados pelos lugares, sempre se

descobre o espaço como um espaço-entre e, nesse novamente, o espaço como pura extensão. ‘Spatium’ e ‘extensio’ tornam possível, a cada vez, tanto o dimensionar das coisas segundo intervalos, lapsos, e direções como o cálculo dessa medida.” (sic)¹⁹

Como brilhantemente observou Rufino Becker, a diferença, entre os centímetros que teria seu correspondente ‘no’ espaço, ‘o’ espaço, ‘spatium’, e os ‘sentímetros que teriam seu análogo na ‘extensio’

Para Heidegger:

A questão de poderem ser aplicados de modo universal a tudo que possui extensão não justifica que os números da medida e das dimensões constituam o fundamento da essência dos espaços e dos lugares, dimensionados através do matemático. Não caberia discutir aqui por que a física moderna viu-se também obrigada pelos próprios fatos a representar o meio espacial do espaço cósmico como a unidade de um campo, determinado pelo corpo enquanto centro dinâmico. Os espaços que percorremos diariamente são "arrumados" pelos lugares, cuja essência se fundamenta nesse tipo de coisa que chamamos de coisas construídas. Considerando-se com atenção a essas relações entre o lugar e os espaços, entre os espaços e o espaço, poderemos adquirir uma base para pensar a relação entre o homem e o espaço.

Quando se fala do homem e do espaço, entende-se que o homem está de um lado e o espaço de outro. O espaço, porém, não é algo que se opõe ao homem. O espaço nem é um objeto exterior e nem uma vivência interior. Não existem homens e, além deles, espaço.

Ambos são conceitos, situações limites, próprios da linguagem simbólica de substituir a coisa real por uma representação, entretanto como observa Heidegger ao se referir a uma coisa em específico, como por exemplo, a ponte de *Hiddelberg*, a palavra se faz sentido - não ‘centido’- graças a de-mora, a vivência, o morar-se e o demorar-se, e esse morar é sempre um estar, uma estância (*being*); e uma estância, uma circunstância (tempo), uma vivência. Nas lembranças não vem só a coisa em si, o vivido, como por exemplo: a casa, ou a rua tal, mas também a distância até elas, nos transportamos rapidamente até elas e ali permanecemos, viajamos e elas também se ‘deslucam’ de algum modo, abstraímos tudo ao redor para nos fixar nesse lugar da lembrança, nessas querências. Carregamos os espaços vivenciados para qualquer lugar aonde vamos, e eles se fazem presente quando os solicitamos.

¹⁹ Como brilhantemente observou Rufino Becker, a diferença, entre os centímetros que teria seu correspondente ‘no’ espaço, ‘o’ espaço, ‘spatium’, e os ‘sentímetros que teriam seu análogo na ‘extensio’. ‘Sentímetros’ como dupla leitura sem metros, sem medida, e ligado também ao sentimento.

Ao se dizer "um homem" e ao se pensar nessa palavra aquele que é no modo humano, ou seja, que mora (habita), já se pensa imediatamente no nome "homem" a demora, na quadratura, junto às coisas. Mesmo quando nos relacionamos com coisas que não se encontram numa proximidade estimável, demoramo-nos junto às coisas elas mesmas. O que fazemos não é simplesmente representar, como se costuma ensinar, dentro de nós coisas distantes de nós, deixando passar em nosso interior e na nossa cabeça representações como sucedâneos das coisas distantes.

Se agora - nós todos - lembrarmos em pensamento da antiga ponte de Heidelberg, esse levar o pensamento a um lugar não é meramente uma vivência das pessoas aqui presentes. Na verdade, pertence à essência desse nosso pensar sobre essa ponte o fato de o pensamento poder ter sobre si a distância relativa a esse lugar".(...)

(...) "A partir desse momento em que pensamos, estamos juntos daquela ponte lá e não junto a um conteúdo de representação armazenado em nossa consciência. Daqui podemos até mesmo estar bem mais próximos dessa ponte e do espaço que ela dá e arruma do que alguém que a utiliza diariamente como um meio indiferente de atravessar os espaços e, com eles, 'o' espaço, já sempre encontraram um espaço na de-mora dos mortais.

Com isso Heidegger nos mostrava a importância da significação e do significado em arquitetura, quando os 'espaços' começam a fazer sentido eles se tornam 'lugares', e lugares significam, eles reúnem a espera e a errância, são encontros tal como uma ponte. O lugar se abre através desse 'através' mesmo, de uma travessia, de uma permanência, de uma estância, de um estanciamento, de uma querência. É o 'através' que marca a travessia, o caminho é sempre o 'caminhando', o atravessando.

Os espaços abrem-se pelo fato de serem admitidos no viver (habitar) do homem. Os mortais 'são', isso significa: em morando têm sobre si espaços em razão de sua demora junto às coisas e aos lugares. E somente porque os mortais têm sobre si o seu ser de acordo com os espaços é que podem atravessar espaços. Atravessando, não abrimos mão desse ter sobre si. Ao contrário. sempre atravessamos espaços de maneira que já os temos sobre nós ao longo de toda travessia, uma vez que sempre nos de-moramos junto a lugares próximos e distantes, junto às coisas.

Na sequência Heidegger explica essa passagem aparentemente sem sentido:

Quando começo a atravessar a sala em direção à saída, já estou lá na saída. Não me seria possível percorrer a sala se eu não fosse de tal modo que sou aquele que está lá. "Nunca estou somente aqui como um corpo encapsulado, mas estou lá, ou seja, tendo sobre mim o espaço. É somente assim que posso percorrer um espaço".²⁰

²⁰ Como nos explica Norbert-Schulz em *Existência espaço e arquitetura*, referindo-se ao historiador de arte Dagoberto Frey e também ao arquiteto Rudolf Schwarz, pouco antes da segunda guerra mundial, independentemente um do outro, os dois formularam ideias muito próximas. Frey introduziu o conceito de 'caminho' (*Weg*) e o de 'meta' (*mal*) para descrever estruturas espaciais, diz Frey, segundo Norbert-Schulz que

“Mesmo fechando-se ‘dentro de si mesmos’”, os mortais não deixam de pertencer à quadratura.”²¹ O que Heidegger quer dizer, é que a quadratura esta sempre presente, a questão é percebermos, estarmos aberto para ela, e mesmo que ainda fechados estamos nela somos e moramos nela.

Nessa tentativa de pensar atentamente tanto a relação entre lugar e espaço como também o relacionamento entre homem e espaço, essência das coisas, que são lugares e que chamamos de coisas construídas, ganha uma luz. A ponte é uma coisa desse tipo. O lugar acolhe, numa circunstância, a simplicidade de terra e céu, dos divinos e dos mortais, à medida que edifica em espaços a circunstância.

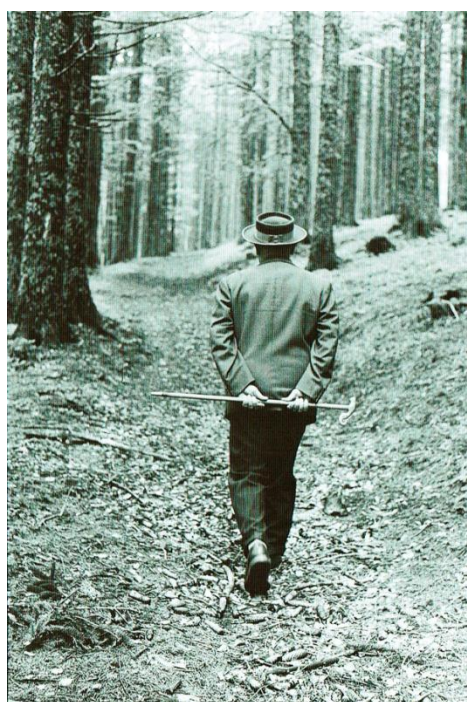


FIGURA 7. Heidegger e o caminho do campo.

‘a meta já contém o caminho como seu ponto de referência, seu indicador de direção e o termo final. Toda arquitetura é uma estruturação do espaço mediante uma ‘meta’ ou um ‘caminho’. Segundo Norbert-Schulz Rudolf Schwarz em seu magnífico livro *The Church incarnate*, apontava uma relação da estrutura fundamental da existência, esse ‘estar no mundo’, e tentava transportar essa estrutura as propriedades concretas do espaço arquitetônico. Dizia ele: ‘não se pode planificar o mundo sem planificar-se a si mesmo’. Norbert Schulz, *Existência, espacio y arquitectura*. Editorial Blume. Barcelona. 1975, p. 16

²¹ “Quando nos recolhemos - como se diz - dentro de nós mesmos, é a partir das coisas que chegamos dentro de nós, ou seja, sem abrir mão da de-mora junto às coisas. Mesmo a falta de contato com as coisas, que sucede em estados depressivos, não seria possível se esse estado não continuasse a ser um estado caracteristicamente humano, ou seja, ainda assim uma de-mora junto às coisas. Somente porque essa de-mora determina o ser homem é que as coisas podem não nos tocar e nada nos dizer.” Heidegger

Para Heidegger

é num duplo sentido que o lugar dá espaço à quadratura. O lugar deixa ser a quadratura e o lugar edifica a quadratura. Dar espaço no sentido de deixar ser e dar espaço no sentido de edificar se pertencem mutuamente. Enquanto um duplo ‘dar espaço’, o lugar é um abrigo da quadratura e, como ainda diz a mesma palavra, ‘Huis’, ‘Haus’, uma moradia.

Coisas semelhantes a esses lugares dão morada à de-mora dos homens. Coisas semelhantes a esses lugares são habitações mas não necessariamente moradas, em sentido estrito.

Trabalhar tais coisas no mundo é ‘construir’. As coisas são lugares que propiciam espaços. Construir é edificar lugares, mas esse construir tem um sentido distinto de um de um edificar, por exemplo de um edifício ou de construir uma obra ou um objeto, de modo geral. Por isso, construir é também um fundar, articular espaços, colonizar, cultivar, arar, sulcar, plantar.

Construir é produzir espaços entre espaços, permitir o morar, ocar, viver. Com a articulação desses espaços, o espaço emerge necessariamente como *spatium* e como *extensio* na conjuntura dotada do caráter de coisa construída; ou seja, o construir adquire significação e faz pensar a essência do morar que de antemão está na simplicidade das coisas.

“Construir significa edificar lugares que propiciam estância e circunstância à quadratura.”

Diz Heidegger, “A partir do plissado (a partir da dobra, inclusão minha) simples a que pertencem a terra e o céu, os divinos e os mortais, o construir recebe a indicação (*Weisung*) de que necessita para edificar os lugares.”

A partir da dobra simples, o *simplex*, a simplicidade da quadratura, a qual pertence a terra, o céu, os divinos e os mortais, através dessa simplicidade que nunca deve ser confundida com carência, muito menos com pobreza, o construir recebe a indicação (*Weisung*) do que é necessário para edificar os lugares. E se compreendemos isso já restarão muito poucas coisas a serem construídas.

O construir recebe, a partir da quadratura, a medida para todo dimensionamento e medição dos espaços que se abrem, a cada vez, com os lugares fundados”. Mas essa medida recebida não é em centímetros, ou em polegadas, ela é desmedida por natureza, entretanto permite que posteriormente possa ser traduzida por medidas para sua edificação. Assim as “ coisas construídas preservam a quadratura. São

coisas que, a seu modo, resguardam a quadratura. Resguardar a quadratura, salvar a terra, acolher o céu, aguardar os divinos, acompanhar os mortais, esse resguardo de quatro faces é a essência simples do viver e morar (habitar).

Para Heidegger essa ‘sim-plicidade’, tal qual vivia ele na sua cabana integrada a natureza é o que propicia o entendimento, a iluminação do que possa se constituir na morada. A autenticidade é a simplicidade. Por isso para Heidegger a cabana era sua companheira, ela de algum modo lhe falava em sua mudez, ela que apontava a relação entre a quadratura, ela se apresentava como ponte, como um pensamento, afirmando-lhe constantemente o sentido da morada, do construir e do pensar. O lugar faz pensar, cada singular lugar, cada singular edificação construída propicia um singular pensar. E todas as coisas simples são constantes reenvios a essa ideia da morada como ponte, como coisa que esta sempre ‘entre’, ainda que muitas vezes não conseguimos perceber-las.

“As coisas construídas com autenticidade marcam a essência dando moradia a essa essência”. O construir assim caracterizado é um deixar-morar, um deixar ser. O construir quando é feito através dessa meta já corresponde ao dizer da quadratura. Todo projeto assim tem nessa correspondência (quadratura) o seu fundamento, sua fundação abrindo-se para a quadratura para o simples. Assim, o projeto abre-se como um caminho, nunca como um produto ou uma produção, mas sempre como travessia, condução, possibilidade de acontecimentos. Explica ainda Heidegger sobre a distinção entre produzir e construir:

Costumamos considerar que produzir é uma atividade cujos procedimentos devem alcançar um resultado, a saber, a construção acabada. Essa é, sem dúvida, uma representação possível do que seja produzir. Com ela pode-se apreender corretamente o que seja produzir mas não se consegue encontrar a essência do produzir.

Em sua essência, “produzir é conduzir para diante de..., é pró-duzir”. (Rufino Becker). Segundo Heidegger: “Produzir, em grego, é ‘tíktō’ (τίκτω). À raiz ‘tec’ desse verbo é comum à palavra ‘tékhne’ (τέχνη). Tékhne não significa, para os gregos, nem arte, nem artesanato, mas um deixar- aparecer algo como isso ou aquilo, dessa ou daquela maneira, no âmbito do que já está em vigor”

Diz Heidegger:

Os gregos pensam a ‘tékhne’ (τέχνη), o produzir, a partir desse ‘deixar-aparecer’, do que está aparecendo, o aparecimento. A ‘tékhne’ (τέχνη) a ser pensada desse modo, de há muito, se resguarda no tectônico do arquitetônico. Ela se resguarda, ainda mais recentemente e de forma decisiva, no técnico da técnica dos motores

pesados. A essência desse produzir que 'constrói' não se deixa, porém, pensar nem a partir da arquitetura, nem da engenharia e nem tampouco a partir da mera combinação de uma e de outra. O produzir que 'constrói' também não se deixaria determinar de forma adequada se quiséssemos pensá-lo no sentido originariamente grego de *tékhnē* (τέχνη), ou seja, somente como um deixar-aparecer que traz o produzido como uma coisa vigente para o meio de coisas já em vigor.

Heidegger pensa esse 'produzir' não tal como entendemos hoje como produção industrial como produto resultante de um processo, como um processo alienante, o produzir que constrói é outra coisa, ele não se define, por exemplo, pelo aspecto construtivo ou estrutural, esse construir tem a ver com o pensar, como um trabalho do pensar e do fazer, do pensar e construir em simultaneidade, de um conhecimento do simples, da simplicidade, um construir relacionado a comunicação ascendente.

A essência de construir é deixar morar. A plenitude de essência é o construir lugares mediante a articulação de seus espaços. Somente sendo capazes de compreender o que é morar é que podemos construir. Exemplifica Heidegger:

“Pensemos, por um momento, numa casa camponesa típica da Floresta Negra, e que um habitante camponês ainda saiba construir como há duzentos anos atrás. O que edificou essa casa foi a insistência da capacidade de deixar terra e céu, divinos e mortais serem e estarem, com simplicidade, nas coisas. Essa capacidade situou a casa camponesa na encosta da montanha, protegida contra os ventos e contra o sol do meio-dia, entre as esteiras dos prados, na proximidade da fonte. Essa capacidade concedeu-lhe o telhado de madeira, o amplo vão, a inclinação íngreme das asas do telhado a fim de suportar o peso da neve e de proteger suficientemente os cômodos contra as longas tormentas das noites de inverno. Essa capacidade não esqueceu o oratório atrás da mesa comensal. Deu espaço aos lugares sagrados que são berço da criança e a ‘árvore dos mortos’, expressão usada ali para designar o caixão do morto. Deu espaço aos vários quartos, prefigurando, assim, sob um mesmo teto, as várias idades de uma vida, no curso do tempo. Quem construiu a casa camponesa foi um trabalho das mãos, surgido mesmo de um morar, viver (habitar) que ainda faz uso de suas ferramentas e instrumentos como coisas.”

“Somente em sendo capazes de morar (habitar) é que podemos construir. A referência à casa camponesa na Floresta Negra não significa, de modo algum, que devemos e podemos voltar a construir desse modo. A referência apenas torna visível, num já ter-sido um morar, como o morar foi capaz de construir”.

“Morar é, porém, o traço essencial do ‘ser’ de acordo com o qual os mortais são. Quem sabe se nessa tentativa de concentrar o pensamento no que significa morar e construir torne-se mais claro que ao morar pertence um construir e que dele recebe a sua essência. Já é um enorme ganho se morar e construir tornarem-se dignos de se questionar e, assim, permanecerem dignos de se pensar”.

“O caminho de pensamento aqui ensaiado deve testemunhar, por outro lado, que o pensar, assim como o construir, pertence ao morar, se bem que de modo diverso. Construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o morar. Ambos são, no entanto, insuficientes para o morar se cada um se mantiver isolado, cuidando do que é seu ao invés de escutar um ao outro. Essa escuta só acontece se ambos, construir e pensar, pertencerem ao morar, permanecem em seus limites e sabem que tanto um como outro provém da obra de uma longa experiência e de um exercício incessante.” (...)

(...) O passo seguinte, nesse sentido, seria perguntar: o que acontece com o morar (habitar) nesse nosso tempo que tanto dá a pensar? Fala-se por toda parte e com razão de crise habitacional. E não apenas se fala, mas se põe a mão na massa. Tenta-se suplantar a crise através da criação de conjuntos habitacionais, incentivando-se a construção habitacional mediante um planejamento de toda a questão habitacional. Por mais difícil e angustiante, por mais avassaladora e ameaçadora que seja a falta de habitação, a crise propriamente dita do habitar não se encontra, primordialmente, na falta de habitações. A crise propriamente dita de habitação é, além disso, mais antiga do que as guerras mundiais e as destruições, mais antiga também do que o crescimento populacional na terra e a situação do trabalhador industrial. A crise propriamente dita do habitar consiste em que os mortais precisam sempre de novo buscar a essência do habitar, morar, consiste em que os mortais devem primeiro aprender a morar. E se o desenraizamento do homem fosse precisamente o fato de o homem não pensar de modo algum a crise habitacional propriamente dita como a crise? Tão logo, porém, o homem pensa o desenraizamento, este deixa de ser uma miséria. Rigorosamente pensado e bem resguardado, o desenraizamento é o único apelo que convoca os mortais para um morar.

Talvez, o que Heidegger não tenha percebido, ou exposto o fato que quem mais deve entender esse sentido da morada, do morar seja injustamente aqueles que estão impossibilitados dela, os moradores de rua, os exilados: os que carregam o sentido da quadratura em suas rotas mochilas, os que ainda conseguem ver o céu a noite, os mais próximos da essência do vento, da chuva, do sol. Os ‘sem-terra’ e os sem casa.



FIGURA 7. Collage Fernando Fuão

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERRIDA, Jacques. Políticas da Amizade. Porto: Campo das Letras, 2003.

FUÃO, Fernando. As formas do acolhimento, em Solis, D.;Fuão, F. Derrida e arquitetura. Rio de Janeiro. EDUERJ.2014

FUÃO, Fernando. A cola e o fio, em [Http://fernandofuao.blogspot.com](http://fernandofuao.blogspot.com)

GUENON, René. Símbolos Fundamentais da Ciência Sagrada. Buenos Aires: Editora Universitária, 1969.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. 1954. Disponível em: www.prouarb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf. Bauen, Wohnen, Denken. 1951 conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em Vortäge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback.

HEIDEGGER, Martin. Poéticamente habita el hombre. Em:

https://archive.org/stream/HEIDEGGERPoeticamenteHabitaElHombre/HEIDEGGER%20-%20Po%C3%A9ticamente%20habita%20el%20hombre_djvu.txt

HEIDEGGER, Martin. El cielo y la tierra de Hölderlin. Traducción de José María Valverde, en Interpretaciones de la poesía de Hölderlin, Barcelona, Ariel, 1983, pp. 163-192. Conferencia pronunciada en la sesión de la Sociedad Hölderlin, en Munich, el 6 de junio de 1959, en el Teatro Cuvillí del Palacio. Disponible también en: <http://www.mercaba.org/SANLUIS/Filosofia/autores/Contempor%C3%A1nea/Heidegger/EL%20CIELO%20Y%20LA%20TIERRA%20DE%20H%C3%96LDERLIN.doc>.

HEIDEGGER, Martin. Que é uma coisa? Carlos Morujão (trad.). Lisboa: Edições 70, 1992.

MALARD, Maria Lúcia. (Org.). Cinco Textos Sobre Arquitetura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005,

MUNTAÑOLA, Josep. Topogenesis 1, 2 e 3. Barcelona. Ed. Oikos-Tau 1979-80

MUNTAÑOLA, Josep. Topos y logos. Barcelona. Ed Kairós. 1978.

SCHULZ, Norbert. Existencia, espacio y arquitectura. Editorial Blume. Barcelona. 1975

SHARR, Adam. La cabana de Heidegger. Barcelona. Editorial Gustavo Gili, 2009

SLOTEDIJK. Peter. Esferas, 1, 2 e 3. Barcelona. Ed. Siruela. 2003

FONTE DAS ILUSTRAÇÕES

SHARR, Adam. *La cabana de Heidegger*. Barcelona. Gustavo Gili, 2006.